



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

A EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: DIÁLOGOS ENTRE TEORIA E EMPÍRIA

Renata Marques Rodrigues
Mestranda PPGEF/UFES
Bolsista da Fundação de Amparo à pesquisa do Espírito Santo (FAPES)

Zenólia C. Campos Figueiredo
Profa. Dr.^a CEFD/UFES

RESUMO

Este texto é resultado de um trabalho avaliativo final da disciplina “Formação Docente em Educação Física” do Programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEF/UFES). Constitui relato de experiência no âmbito da pós-graduação, tendo objetivo de evidenciar o trabalho realizado na disciplina, possibilitando a interação entre teoria e empiria. A formação aparece enquanto um processo contínuo, constituindo-se pelas experiências diversas dos professores e por meio das relações que permeiam sua intervenção pedagógica. O estudo sobre a formação de professores possibilitou momentos de troca de experiência e de histórias entre os sujeitos participantes da disciplina.

INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de um trabalho avaliativo da disciplina “Formação Docente em Educação Física” do Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEF). O objetivo foi possibilitar a interação entre teoria e empiria, ou seja, promover aproximações entre estes dois âmbitos, muitas vezes abordados de forma antagônica, constituindo assim um relato de experiência no âmbito da pós-graduação.

A disciplina apresentou três momentos: 1) Estruturação inicial, que foi o momento em que discutimos juntamente com a professora da disciplina as possibilidades de trabalho. Utilizamos entrevistas semi-estruturadas com professores de educação física que estão passando por seu processo de formação de professores constantemente, nas experiências mantidas no interior das escolas, nas suas maneiras de lidar com o seu trabalho, enfim que estão envolvidos em diversas relações que contribuem com este formar-se¹ professor, visando identificar temas sobre a formação que partissem das demandas da realidade. As questões das entrevistas estavam associadas com a temática do projeto de mestrado, sendo necessário evidenciar aqui que meu projeto de pesquisa tem como objeto de estudo o movimento de construção identitária do professor de educação física no contexto da educação infantil. Dessa forma, as questões norteadoras² da entrevista permeavam o

¹ É necessário lembrar que esta idéia de *formar-se* está sendo utilizada como um processo contínuo, ou seja, como algo que permeia a vida dos professores, que caminha lado a lado com suas diversas e contínuas experiências profissionais, nas suas relações com os alunos, professores de outras disciplinas, diretores, pedagogos, com sua trajetória de vida, etc.

² Segue as questões utilizadas na entrevista para melhor compreensão: 1. Como você vê a inserção da Educação Física na educação infantil? 2. Fale das experiências que mais marcaram os três momentos da sua



universo da identidade docente, especificamente no contexto educacional da educação infantil. Os temas abordados envolveram as subjetividades da profissão, tornar-se professor, identidade como conceito, solidões, professor-sujeito, formação inicial e continuada, entre outros; 2) O desenvolvimento da disciplina que constituiu-se pelas sistematizações dos conteúdos selecionados, através de leituras, discussões e reflexões durante os momentos-aula e 3) O momento da síntese que se reflete por este texto, no qual será realizado a interação entre o primeiro e o segundo momento.

O texto foi organizado da seguinte maneira: 1. Síntese da entrevista, com objetivo de aproximar o leitor dos dados coletados, através da análise das informações pelo entrevistador, realizando um processo de reflexão e síntese. 2. Diálogo teoria e empiria, que evidencia a análise crítica da entrevista, a partir da sistematização teórica das temáticas abordadas. 3. Conclusão, evidenciando as contribuições da disciplina e dessas atividades para o processo de formação profissional e pessoal.

SÍNTESE DA ENTREVISTA

A entrevista foi realizada no mês de abril, do ano de 2010, tendo como sujeito uma professora de educação infantil da rede municipal de Vitória, atuante desde 2006, ano da (re)implantação da Educação Física neste segmento. Percebi que a postura de denúncia, de vontade de falar sobre os elementos que afligem o trabalho no cotidiano estava presente.

A entrevista possibilitou a identificação de um amplo universo de elementos de análise, já que em algumas questões a professora contava sua história, relatando fatos que exemplificavam suas colocações. Diante disso, houve divisão das informações em três aspectos: o *contexto*, o *professor* e a *identidade*. É necessário esclarecer que estes não são âmbitos fragmentados, mas foi uma divisão para clarificar as informações.

O contexto da educação infantil apareceu na fala da professora como um contexto que dificulta o seu trabalho, devido principalmente a característica de cuidar e das rotinas presentes. Segundo ela, o cuidar e outros elementos que envolvem a educação infantil envolvem concepções muito subjetivas, fazendo com que ela, como profissional da educação infantil, tenha suas atitudes “controladas” pelos outros sujeitos da instituição. O olhar do outro e suas concepções acabam influenciando as ações da professora. Além disso, a Educação Física aparece como área descaracterizada dentro deste contexto, fazendo com que o próprio professor questione sobre sua presença e importância dentro do mesmo.

Outro ponto interessante é a relação que a professora fez entre trabalho desenvolvido no ensino fundamental e médio e o realizado na educação infantil. Neste último, segundo a professora, o trabalho algumas vezes sofre uma estagnação. O trabalho próprio da Educação Física fica comprometido devido à necessidade do cuidado que já nos outros dois segmentos não é tão característico. Há ainda a autonomia do professor que segundo as informações coletadas é maior no ensino fundamental e médio do que na educação infantil, já que neste último, para dar um novo rumo ao trabalho é necessário que

trajetória (início, decorrer e atualidade) como professor/a de educação física na educação infantil. 3. Como você percebe que os outros sujeitos que trabalham no CMEI vêem o seu trabalho? Como eles te vêem como professora? 4. Como é o contexto da instituição na qual você trabalha? 5. De que maneira esse contexto influencia no seu modo de ser professor e nas suas aulas? 6. O que você entende por identidade docente? 7. Que elementos você atribui como constituintes da sua identidade docente? 8. O que caracterizaria você estar sendo professora do ensino fundamental e/ou médio e estar sendo professora da educação infantil?



se estabeleça uma negociação entre os sujeitos da instituição. Trouxe também a valorização da educação física pelos outros sujeitos da instituição, mas afirmando que estes vêm importância no trabalho desta disciplina, mas não sabem exatamente que importância é esta, fazendo com que a organização do trabalho da Educação Física na instituição seja contraditória com as concepções da professora.

Sobre o professor as características mais marcantes foram a sua resistência diante da descaracterização da sua profissão, mostrando-se como sujeito ativo que luta pelo seu espaço de trabalho. Outro elemento é a constituição do “ser professor”, que fica evidente pelas falas coletadas quando mostram que as experiências do professor, vividas em diferentes espaços-tempos de sua vida o levam a construir certas concepções e a se afirmar como determinado tipo de profissional.

A identidade aparece como elemento importante para a legitimação profissional. A falta de identidade ou a descaracterização desta pelo outro aparece como fator que leva o professor a refletir e questionar a importância da sua profissão e a uma possível redução da sua função profissional. Evidencia que dentro do contexto institucional em que atua os outros sujeitos associam a identidade da Educação Física a outros âmbitos que a constroem, como a mídia, fazendo com que a relacionem ao treinamento e a formação de atletas, dificultando a desconstrução desta identidade.

Pontua a relação entre a identidade e a produtividade do trabalho desenvolvido, afirmando que a identidade fica empobrecida quando o professor não consegue produzir, fazendo com que o trabalho siga em frente, o que segundo ela acontece na educação infantil e que leva a uma frustração do professor.

Ela faz uma associação ao envolvimento e comprometimento do professor com a sua profissão e relaciona a constituição da identidade a um processo, que caracterizei como, inconsciente, já que vai se constituindo no dia-a-dia, pela intervenção e relações mantidas e que em momentos de reflexão o professor enxerga o acontecimento deste processo.

Então, eu acho que é isso que caracteriza mesmo, o meu dia-a-dia, minha prática, o que dá certo o que não dá, o que eu posso repensar e tudo isso vai se constituindo e chega uma hora você “ó, sou professor” e você já se sente como um docente. Quando você entrou você não se percebia e quando você pára para analisar você “caramba, realmente né, penso assim e é assim que acontece. (Professora entrevistada no dia 20/04/2010)

DIÁLOGO TEORIA E EMPIRIA

A análise foi construída a partir dos três aspectos gerais da entrevista. Assim, sobre o contexto aparecem temas como diferenças entre ideal e real, descaracterização e legitimação da educação física, cuidar e rotina, etc. A temática do professor envolve a constituição do ser professor, autonomia e resistência. E a identidade abarca elementos como a relação entre falta de identidade e a profissão, construção da identidade, identidade para o professor e para os outros e relação com produtividade do trabalho.

As reflexões realizadas durante a disciplina apresentaram alguns elementos marcantes quanto à questão discutida, que foi a formação de professores. Um ponto central foi a compreensão de diferenças entre concepções de formação, evidenciando uma formação pautada pela racionalidade técnica, que segundo Rinaldi (2008, p.188-189) apresenta como características a



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

[...] fragmentação do conhecimento, a segmentação entre teoria e prática, visão linearizada dada às tarefas de ensino e aos processos de aprendizagem, as concepções de ensino como processo de preparação técnica e a prática como um processo, técnico de intervenção.

Ou seja, tal concepção percebe a formação a partir de um viés utilitário e funcional. Outra concepção de formação está associada a uma *nova epistemologia para a prática docente*, que envolve a prática reflexiva, ou seja, é uma noção que traz em voga questões como singularidades, diferenças, criticidade, identidades e a idéia do *formar-se*, apontado por Figueiredo (2010) e associado à visão do professor como sujeito da sua prática e da sua história, refletindo elementos associados ao sujeito, ao pessoal.

É necessário esclarecer que as discussões realizadas na disciplina foram pautadas tendo como referência a segunda concepção de formação. A afinidade com a segunda concepção de formação descrita é visível na realização da disciplina, a partir do momento em que fomos até os professores atuantes nas escolas para escutar e dialogar com suas histórias, com sua trajetória pessoal e profissional, percebendo-os enquanto sujeitos de sua prática.

É interessante analisar a postura da professora diante da entrevista, pois percebemos uma vontade de expressar, de falar sobre os problemas e as angústias que envolviam seu trabalho. Fontana (2000) buscando compreender o movimento de constituição do ser professor, aponta que a escola não oferece espaço para o *formar-se* deste professor, ou seja, o professor sente-se isolado e busca algum espaço para falar de seu cotidiano. Afirma que “*o bom senso dos ditados populares parece não ter lugar na escola. Embora ela seja uma instituição social destinada ao ensino, não encontramos dentro dela quem nos ensine no próprio trabalho*” (p.109). Assim, compreendo que a vontade de falar da professora pode expressar aspectos de solidão vividos nas instituições escolares pelos professores. Nesse sentido, Correia e Matos (2001), no livro “Solidões e solidariedades na profissão docente: sofrimento e crise da profissionalidade dos professores” escrevem sobre algumas crises que afetaram a profissão docente, tais como a crise dos referentes, que seria aquilo que dá sustentação a profissão docente, assim como a crise de poder dos professores, culminando num processo de individualismo profissional, *onde o professor, mais do que alguém que está na escola, tende a ser definido como alguém que “vai à escola”*. Uma interpretação desta frase permite identificar o professor não mais como um dos sujeitos pertencentes ao universo escolar, o que pode levá-lo a uma dificuldade em caracterizar, em dar sentido à sua profissão.

O contexto institucional da educação infantil aparece permeado por elementos que evidenciam uma dificuldade em estabelecer uma coerência entre o que seria a prática da educação física naquele espaço pela professora de educação física e a visão do que seria esta prática a partir das instâncias administrativas e dos pares.

Um primeiro elemento refere-se à distância entre o que seria ideal ou esperado e aquilo que caracteriza o real. A professora entrevistada associa a inserção da educação física na educação infantil em Vitória/ES a um projeto piloto³, no qual a prática da educação física neste contexto educacional era encarada como positiva, porém com a implementação da educação física neste contexto, a partir de concursos públicos, as

³ Projeto piloto intitulado “Projeto de Implantação das Disciplinas Educação Física e Artes Visuais na Proposta de Educação Infantil do Sistema de Educação Básica de Vitória, desenvolvido em quatro unidades do sistema, entre agosto e dezembro de 2004. (ANDRADE FILHO, p.181). Para maiores esclarecimentos sobre este projeto veja: ANDRADE FILHO e SCHNEIDER (orgs.) Educação Física para a Educação Infantil: conhecimento e especificidade. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

organizações e formas de atuação se distanciaram daquelas primeiras, causando certos desconfortos nos professores. Algumas literaturas estudadas durante a disciplina evidenciam esta questão. Heringer (2008) fala sobre as transformações no contexto educativo que associam a mudanças sobre a formação de professores e afirma que essas novas exigências fazem surgir políticas de formação,

[...] em sua quase totalidade, pensadas e definidas longe dos espaços escolares, revestindo-se de uma noção de qualidade que nem sempre representa o que pensa a comunidade escolar e que, muito raramente, contam com a adesão e cumplicidade dos professores.

Com esta afirmação percebe-se que a informação trazida pela entrevistada aponta um caminho inverso deste trazido por Heringer, ou seja, aponta uma distância entre aquilo presente no projeto piloto, que era uma forma de materialização da proposta e que foi organizada com a participação e cumplicidade dos professores dentro do espaço institucional da educação infantil, mas que com a sua implementação real sinalizou um processo de distanciamento, já que a proposta esperada diferia daquela realmente instaurada.

Este distanciamento provocou também certa descaracterização da educação física na educação infantil, já que não se afirmou a função profissional deste professor neste espaço. Uma fala explicita isso: *“Eles queriam que eu estivesse lá para cobrir qualquer coisa, menos dar aulas de educação física”*. E esta descaracterização aparece com algo que incomodou a professora e a conduziu a um processo de resistência, afirmando-se como sujeito da sua prática, brigando por seu espaço e pela afirmação da função profissional.

[...] eu até brincava assim que é o primeiro lugar que eu vejo que tenho que brigar para trabalhar. É o primeiro porque, “né”, eu não sei o que eu “tô” fazendo aqui. Então assim, eu acho que é muito frustrante entende? Você “tá” e você quer trabalhar e dar aula e você ter que brigar com uma pessoa, que é gestora, para dar sua aula, quer dizer ridículo.

Por outro lado, é necessário refletir também sobre a aceitação às “regras do jogo”, ou seja, em alguns momentos a relutância em se afirmar pode levar ao cansaço e o professor acaba se entregando. Isso evidencia também a questão dos poderes que envolvem o processo educativo, indicando em alguns momentos a falta de tomadas de decisões coletivas no espaço educativo e ainda, a naturalização disto pelos próprios professores.

[...] como assim a maioria das pessoas que trabalham são pedagogas, a gente fica sendo meio que um processo à parte, “vocês pensam diferente, mas todo mundo assim, então tá tudo certo” e realmente se você for pensar para organização da escola, para prática, praticamente é bem melhor mesmo você ter um grupo mais coeso do que você ter, seguir duas ou três pessoas que pensam diferente, mas nem por isso eu acho que é melhor para a educação ou para a criança, entendeu?

Sobre esta organização do trabalho Fontana (2000, p.117) afirma que ela *é elaborada ativa e contraditoriamente por nós e em nós, como dominação e resistência, submissão e rebeldia, disciplinamento (anulação) e preservação de nosso corpo e de nossa vontade.*

Outro elemento que contribui para a descaracterização da educação física na educação infantil, segundo a professora, envolve o cuidar e as rotinas, que segundo ela estão associados a questões muito subjetivas, que promovem contradições, diferenças de



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

concepções entre os diferentes sujeitos inseridos neste espaço-tempo educacional que refletem o trabalho realizado.

Quando você trabalha na educação infantil você cuida, você vigia para não machucar e você dá aula ao mesmo tempo, você já tem uma sobrecarga. Aliado a isso você tem as rotinas, então isso influencia muito, chega uma hora que você não consegue trabalhar. [...] quando você trata com o cuidar não existe uma técnica para cuidar, não existe uma regra, cada família cuida de um jeito, cada pessoa tem uma visão diferente de se cuidar, então isso influencia muito, por exemplo, se você cuida de uma maneira e outra pessoa se acha no direito de achar que aquilo não é legal então fica muito confuso, torna o dia fica muito confuso, torna a prática muito confusa, até mesmo o tratamento que você dá as crianças. Então, eu acho que o contexto assim muitas vezes desestimula a gente a ser professor de educação infantil, entendeu?(professora entrevistada/20/04/2010)

No texto “Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora” de Fontana (2000) é evidente a influência das concepções educativas de diferentes sujeitos no trabalho do professor. A autora mostra que a concepção de ensino, educação e formação da coordenadora diferiam daquelas da professora, podendo culminar num processo de resistência da professora ou também que estas diferenças podem modificar a postura da professora que ao invés de resistir, pode abandonar suas concepções próprias. Assim, compreendo que as relações mantidas no espaço profissional, entre os diferentes sujeitos, influenciam o trabalho desenvolvido pelo professor.

Além disso, a autora evidencia relação com a influência do contexto institucional, porém no ensino fundamental, o que é interessante para identificarmos como o contexto educacional apresenta singularidades. Se na educação infantil é possível notar, a partir das informações coletadas, o cuidar e as rotinas como bases do trabalho desenvolvido, Fontana (2000, p. 110) aponta o controle e disciplinamento como influenciadores do trabalho no ensino fundamental.

Jogo perverso que nos expropria do “ser profissional”, na medida em que, reduzindo-nos a executantes das normas, vai cerceando as possibilidades de produção e de elaboração, em nós, dos saberes de nosso ofício, pela participação efetiva na sua organização (concepção e modo operatório).

Na entrevista também foi possível identificar as diferenças existentes entre ser professor no contexto da educação infantil e ser professor no ensino fundamental e/ou médio, ou seja, o sujeito que está na prática percebe como o meio e sua organização afetam seu trabalho. O que marca bem esta característica é a angústia que a professora sente por não ver resultados, não ver o trabalho fluindo na educação infantil como ela vê em outros segmentos. Ou seja, aqui se percebe que as concepções dela de educação e ensino e de desenvolvimento do trabalho permeiam esta visibilidade da prática pelo próprio professor, e que entra em choque com as exigências da organização institucional.

[...] quando eu entro num grupo pequeno e está todo mundo chorando e eu sei que não vou conseguir fazer nada, vou ficar cinquenta minutos ouvindo choro, só ouvindo choro e tentando acalmar e tal, isso para mim é muito angustiante, você entendeu? Não sai do lugar, ou seja, então assim, essa coisa do cuidar, das rotinas elas são muito valorizadas, mas eu acho que tem hora que elas são até supervalorizadas, porque na escola (ou seja, se referindo ao ensino fundamental e médio) quando você dá aula, você trabalha com uma coisa constituída, um conhecimento, o que está estipulado ali. Aqui não, o cuidar e quando você trata com o cuidar não existe uma técnica para cuidar, não existe uma regra [...]



Barbosa-Rinaldi (2008) fala da crise na educação relacionado com a influência da racionalidade técnica que reflete conseqüências para o profissional docente. Uma destas refere-se ao processo de proletarização profissional, no qual o professor passa a ser um trabalhador coletivo, envolvido em relações capitalistas de produção. Isto se associa com a entrada no mercado de trabalho e que o professor, ao chegar às instituições educativas entra num universo que já está organizado e que conforma o trabalho escolar a ser desenvolvido. Assim,

[...] o docente percebe que, ao vender sua força de trabalho (assalariado), submete-se a um processo de trabalho que foi previamente estabelecido e, por isso, a prática docente não depende mais, exclusivamente, da vontade individual do professor. (p.190)

A análise do elemento identidade docente parte de uma questão proposta por Figueiredo (2010, p.7) que ao falar dos desafios da formação pontua as identidades e subjetividades da docência em educação física como um destes. A questão é: o professor de Educação Física permanece com dificuldades de tornar lugar o espaço por ele ocupado no ensino fundamental? Porém, para este texto devo reestruturar a questão da seguinte forma: *o professor de Educação Física permanece com dificuldades de tornar lugar o espaço por ele ocupado na educação infantil?*

Tentando analisar, diante das informações da professora, arrisco a afirmar que sim, há dificuldades em significar o lugar da educação física na educação infantil, pelo menos no contexto específico da professora entrevistada, devido à falta de caracterização do papel desta disciplina na educação infantil. Isso se relaciona com a construção das identidades, tanto do professor, quanto da sua prática neste espaço.

A constituição do ser professor, assim como afirma Fontana (2000) é envolvida por diversas relações. *“Não somos apenas professores, mas um feixe de muitas condições e papéis sociais, memória de sentidos diversos”*. O que me constitui está associado as minhas experiências, que auxiliam na construção do caminho de quem sou eu. A professora evidencia como foi elaborando suas concepções de educação, diante da sua trajetória.

[...] eu cheguei com um projeto “né”, vindo de escola particular, trabalhando com formação e eu cheguei na escola assim: com meu caderno, meu projeto, meus materiais e tal, assim, “pra” trabalhar. Eu já tinha ido na escola antes, visitado as turmas, olhado, então assim vou ver se apreende a realidade. Fiz mais ou menos um projeto que eu achava que tinha a ver com o que eu conheci e quando eu cheguei lá ninguém nem me pediu para olhar. Eu cheguei e “vai pra sala tal que a professora hoje faltou”.

Esta fala traz um elemento de análise bastante interessante que são as relações. A partir das relações há constante reestruturação das identidades.

Apoiamos na noção de identidade de Claude Dubar (1997, p. 13), sociólogo francês que afirma que

A identidade de alguém é, no entanto, aquilo que ele tem de mais precioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, de sofrimento, de angústia e de morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no acto do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho: ela depende tanto do julgamento dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é um produto de sucessivas socializações.



Através da entrevista nota-se essa importância do outro na constituição da identidade. Em vários momentos a professora aponta a descaracterização da educação física neste espaço, o que a leva a questionar a sua própria função neste espaço educativo, ou seja, o olhar do outro sobre aquilo que eu faço me interessa e contribui para que eu reflita sobre mim mesmo. Dubar (1997) aponta a identidade como uma constituição social, como um processo relacional entre dois aspectos, sendo a *identidade para si*, que é mais interna e biográfica e a *identidade para o outro*, que é mais externa e relacional. Ou seja, há necessidade do outro para que eu me perceba enquanto sujeito. Na entrevista isso fica claro quando a professora traz as crianças como este outro que a identifica, que percebe sua identidade de determinada forma neste espaço e que afeta a identidade da professora.

[...] o menino chega e não sabe quem eu sou”, [...] a criança não sabia quem eu era, ela achava que eu era mais alguém para tomar conta. Só que ela começou a ver que eu fazia brincadeiras e ela começou a me chamar de tia de brincadeira, entende?. Ela não sabia que era Educação Física, ela “mãe olha a tia de brincadeira”. Só que assim, num primeiro momento isso é muito legal, eu te relatar aqui agora, mas quando você está entrando num contexto totalmente frustrante você se sente assim: “poxa, eu sou só uma tia de brincadeira”. [...] E hoje em dia não, a mãe deles falam é a tia e eles, “não, é claro que não, é a professora de Educação Física”. Então, eles já sabem que vão para a Educação Física e antes eles não tinham esta noção deste tempo, deste espaço. [...] Agora não, eles sabem que eu sou a professora de Educação Física, então assim, tem uma identidade de Educação Física, eles sabem que tem uma aula de Educação Física, tem uma professora de Educação Física e sabem que não vai ser na sala, que eles vão sair, vão fazer uma brincadeira, vão participar de alguma atividade.

Este trecho traz alguns aspectos para reflexão. Primeiramente é interessante pensar nesta afirmação da criança enquanto sujeito no espaço educativo, pois muitas vezes elas não são percebidas desta forma. Segundo, aparece a importância atribuída ao olhar do outro sobre o indivíduo. E terceiro, há uma preocupação com a redução da sua função profissional dentro do espaço educativo, a partir de uma identificação não condizente com a sua. Ou seja, aqui visualizamos dois processos heterogêneos (DUBAR, 1997) da identidade, que diz respeito à *atribuição* da identidade pelos outros (instituições e indivíduos), correspondendo a como os outros te vêem e a *incorporação* da identidade pelo próprio indivíduo, que é o como ele se vê. Pode ocorrer ainda um processo de não coincidência entre estes dois processos acima descritos que levam ao que Dubar denomina de *estratégias identitárias, que são destinadas a reduzir o desvio entre as duas identidades* (p.107).

A identidade docente para a professora está associada a um processo de caracterização da profissão e enfatiza a relação identidade e produtividade no trabalho, ou seja, a compreensão da identidade por ela permeia esta relação com o trabalho, a necessidade por resultados, por ver o trabalho fluir.

E eu acho que a identidade está muito ligada assim, de certa forma, ao tanto que você consegue produzir. Eu acho que você perde muito quando não consegue produzir e a coisa não vai para frente você fica meio limitado na sua identidade, “poxa o que eu sou, sou professor e cadê o que não anda, cadê que a coisa não acontece”.

Por isso, a organização da instituição educativa infantil, com o cuidar e as rotinas, já discutidos acima no texto, contribuem para um desconforto na afirmação da identidade da educação física neste espaço para a professora, pois como ela afirmou o trabalho às



vezes fica estagnado, pois as características do contexto, tais como a singularidade das crianças e o foco no cuidar que tolhe o trabalho em alguns momentos contribuem com isso. A constituição identitária aparece como um movimento constante pela professora entrevistada associando-se a identificação da constituição do ser professor que Fontana (2000, p. 109) demonstra ao afirmar que “*A professora não está pronta em nós, quando começamos a trabalhar. Pensando bem, não está pronta nunca [...]*”. Assim, acredito ser necessário anexar na íntegra a fala da professora ao responder a questão sete da entrevista: Que elementos você atribui como constituintes da sua identidade docente?

Eu acho que o primeiro passo é a escolha que você faz né, se você escolhe ser professor, então você vai, faz um curso de licenciatura e aí esta identidade vai se constituindo mais na prática. Quando você chega você vai se formando professor, no dia-a-dia, na relação que você tem com seu conteúdo e com seus alunos, na forma como ele é ensinado, na forma como ele é absorvido ou não pelos alunos, na forma de troca também do que o aluno trás, do que você leva e isso também vai mudando um pouco a sua personalidade de professor né, como que você trabalha naquele dia-a-dia, como você fala, como você vê de certa forma o mundo, porque eu acho que chega uma hora que você começa a ver o mundo pela ótica da sua profissão e a gente começa a ver o mundo pela ótica da educação né, e a educação começa a ser mais importante porque você trabalha naquele contexto e naquele segmento. Então, eu acho que é isso que caracteriza mesmo, o meu dia-a-dia, minha prática, o que dá certo o que não dá, o que eu posso repensar e tudo isso vai se constituindo e chega uma hora você “ó, sou professor” e você já se sente como um docente. Quando você entrou você não se percebia e quando você pára para analisar você “caramba, realmente né, penso assim e é assim que acontece. Acho que seria mais isso.

Fica evidente o movimento contínuo de construção da identidade docente nos colocando a refletir constantemente sobre nossas experiências e como estas nos afetam e nos fazem ser quem somos ou quem estamos sendo, já que a identidade é mutável, relacional, individual e coletiva, ou seja, é construída por relações (Dubar, 1997) e a ação humana se dá pelas relações.

CONCLUSÃO

A organização e estruturação da disciplina “Formação Docente em Educação Física” do Programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEF) possibilitou uma interação entre prática e teoria, já que os temas trabalhados partiram dos contextos de atuação de professores de educação física escolar.

A experiência com o trabalho de campo fez perceber que a formação aparece enquanto um processo contínuo, constituindo-se pelas experiências diversas dos professores e através das relações que permeiam sua intervenção pedagógica, nos aproximando daquilo que faz parte do dia-a-dia dos professores. Entendo que a amostra traduz um contexto específico, já que associado a história de uma professora, o que nos possibilitou compreender esta relação indissociável entre a individualidade e as relações mantidas pelo sujeito em sua profissão. Além disso, a associação com os projetos de pesquisa de mestrado promoveu uma aproximação maior da disciplina, causando uma identificação bastante produtiva. Pude também exercitar a minha formação enquanto pesquisadora, diante da utilização de instrumentos metodológicos de coleta de dados e através das sínteses e análises realizadas.



Outro aspecto interessante foi a reflexão sobre o próprio processo de formação, através de troca de experiências e de histórias entre os sujeitos participantes da disciplina. Assim, diante de um processo de estudo sobre a formação de professores ocorreu também um processo autoformativo.

A discussão de temas como formação inicial, formação continuada, identidade docente, subjetividades, solidões, trajetórias, contextos, concepções, entre outros, aponta a complexidade e amplitude deste tema, formação de professores, que abre espaço para falar do vivido, do presente, do que é próximo e daquilo que vai estar sempre inerente a nossa profissão, que é a de professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE FILHO, N.F. de e SCHNEIDER, O. (orgs.) *Educação Física para a Educação Infantil: conhecimento e especificidade*. São Cristovão: Editora UFS, 2008.

BARBOSA-RINALDI, I.P. *Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente*. In: Revista Movimento, Porto Alegre, v. 14, n.03, set/dez de 2008.

DUBAR, C. *A crise das identidades*. A interpretação de uma mutação. Edições Afrontamento, coleção Caleidoscópio/3, 2006.

_____. *A socialização*. Construção das identidades sociais e profissionais. Porto Editora, 1997.

CORREIA, J.A. *Os “lugares comuns” na formação de professores: consensos e controvérsias*. Porto: ASA, 1999.

CORREIA, J.A. e MATOS, M. *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: ASA, 2001.

FIGUEIREDO, Z.C.C. *Os novos desafios da formação de professores de Educação Física no Brasil*. ENDIPE, 2010.

FONTANA, R.C. *Trabalho e subjetividade*. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora. In: Caderno Cedes, ano XX, nº 50, abril, 2000.

HERINGER, D.A.T. *Práticas de formação continuada de um professor de educação física: ocultações, contradições e possibilidades*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2008.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141